

Introdução: Mito como expressão do corpo

Jeffrey Mishlove:

Olá, e bem-vindo. Nosso tema hoje é o entendimento da mitologia, e meu convidado é talvez o maior mitólogo do mundo, **Joseph Campbell**, autor de *O Herói de Mil Faces*, *As Máscaras de Deus* e *O Atlas da Mitologia Mundial*. Bem-vindo ao programa.

Joseph Campbell:

Obrigado. É um prazer estar aqui.

Jeffrey Mishlove:

Na sua abordagem à mitologia, você passou a sustentar recentemente a ideia de que a mitologia surge do próprio corpo humano, da nossa experiência corporal — que toda narrativa mitológica tem raízes nas vivências humanas enquanto seres físicos. Isso me parece bastante contrário à visão mais antiga de que a mitologia é produto da fantasia ou da imaginação.

Joseph Campbell:

Mas a fantasia e a imaginação são produtos do corpo. As energias que geram essas fantasias vêm dos órgãos do corpo. São os órgãos do corpo que originam nossa vida e nossas intenções para a vida — e que entram em conflito entre si. Entre esses órgãos está, claro, o cérebro. E também temos os impulsos diversos que dominam nossos sistemas vitais: o impulso erótico, o impulso de conquista e de autoconservação, e ainda certos ideais, coisas que são apresentadas como dignas de serem vividas ou que conferem valor à existência.

Todos esses impulsos entram em conflito dentro de nós. E a função das imagens mitológicas é harmonizá-los, coordenar essas energias do corpo para que vivamos de forma harmônica e frutífera — em sintonia com a sociedade e com o mistério novo que emerge a cada ser humano: quais são as possibilidades desta vida em particular?

A mitologia tem a função de nos guiar, primeiro, em relação à sociedade e ao mundo natural que nos cerca. Mas também nos guia para dentro, pois os órgãos do nosso corpo também são parte da natureza. E, além disso, a mitologia orienta o indivíduo pelas etapas inevitáveis da vida: da infância à maturidade, e depois até o último portal.

Mito como verdade simbólica e estrutura social

Jeffrey Mishlove:

Então, nesse sentido, por trás de toda fantasia ou história mitológica, existe algum tipo de verdade mais profunda sobre a vida?

Joseph Campbell:

Sim. Uma mitologia não é apenas uma fantasia qualquer de uma pessoa ou outra. É uma organização sistemática de fantasias em relação aos valores de uma determinada ordem social. Por isso, as mitologias sempre surgem de contextos sociais específicos. E quando percebemos que todas as primeiras civilizações foram fundadas com base em mitologias, aí se revela a força desse imenso legado que temos.

O desafio de uma sociedade global

Jeffrey Mishlove:

Você aponta, no seu livro mais recente, *The Inner Reaches of Outer Space*, que estamos entrando num período em que a sociedade se torna global, e não podemos mais pensar em nós mesmos como grupos de tribos em competição.

Joseph Campbell:

Esse é um problema crucial atualmente. Toda mitologia — e aqui incluo também as religiões — surgiu dentro de uma determinada ordem social. Hoje, essas ordens sociais estão em choque umas com as outras. Basta olhar o que está acontecendo no Oriente Médio agora: é um horror. As três principais religiões monoteístas do mundo estão criando o caos. Estive em Beirute. Era uma cidade gloriosa, linda, uma joia — e agora é um inferno. Porque cada uma dessas tradições religiosas acredita possuir todos os valores corretos e não consegue se abrir para reconhecer: aqueles também são seres humanos.

Dois tipos de religião: para fora e para dentro

Jeffrey Mishlove:

Para cada um, seu Deus é o único Deus verdadeiro.

Joseph Campbell:

E nós lhes demos três nomes, não é? Judaísmo, Cristianismo e Islã. Todos saíram da mesma caixa. Mas eles não conseguem conviver.

Jeffrey Mishlove:

Então o que você está sugerindo é que grande parte do conflito social vem do fracasso dos líderes dessas comunidades em compreender o verdadeiro papel de suas mitologias.

Joseph Campbell:

O papel da mitologia deles sempre foi o de sustentar a sociedade — e eles continuam agarrados a isso. Eu diria que há dois tipos principais de mitologia. Há aquelas como a da tradição bíblica, cuja função é integrar o indivíduo ao grupo. A pessoa é membro daquele grupo — ela é batizada, circuncidada ou algo do tipo, e esse é seu campo de compaixão e de lealdade. Fora dele, ela projeta agressividade.

Há outro tipo de religião que nasce da vida emocional em relação à ordem natural. Afinal, somos seres da natureza antes de sermos membros de uma sociedade. Exemplo disso são as religiões dionisíacas da Grécia Antiga. O hinduísmo está repleto disso. E todas as religiões ligadas à meditação...

Jeffrey Mishlove:

... estão vindo do Oriente para cá. E, suponho, as tradições xamânicas também.

Joseph Campbell:

Essas também olham para dentro. Mas o mais importante hoje são essas religiões da contemplação e meditação, que reconhecem, dentro de nós, os poderes que costumamos projetar como deuses. Todos os deuses são projeções das potencialidades humanas. Eles não estão “lá fora”. Eles estão “aqui dentro”. A frase “o reino dos céus está dentro de vós” é uma ótima expressão. E quem está no céu? Deus. Então onde ele está? Olhe para dentro.

Há dois tipos de religião: uma voltada para fora e outra voltada para dentro.

Religião interior ou exterior?

Jeffrey Mishlove:

Mas tenho notado que os limites entre essas abordagens parecem estar cada vez mais borrados no mundo de hoje. Por exemplo, os evangelistas da TV falam o tempo todo que Deus fala dentro deles e com as pessoas, com os telespectadores.

Joseph Campbell:

Bom, que bom para eles. Mas não é isso que ouço quando assisto. O que ouço é: “Está nesse livro”, o grande livro preto. E o contexto em que falam é estranho. Certamente está lá — mas não da forma que diga “é só para este grupo e dentro deste grupo”.

Sempre me interessei pelo que chamamos de mitologia comparada. E quando se vê que o que essas pessoas estão dizendo nesta linguagem, outras estão dizendo em outra linguagem, e elas se confundem só porque os idiomas são diferentes... É como entrar numa padaria na França e pedir “pain” — eles dirão que não têm isso. Mas você está pedindo pão, e é isso o que eles têm. É assim que funciona entre as tradições.

Acho que o exemplo mais expressivo é o contraste — e também a afinidade — entre o Budismo e o Cristianismo. A ideia de consciência búdica: todos os seres são budas, e a função da meditação é encontrar essa consciência em si mesmo e viver a partir dela, em vez de viver a partir dos interesses dos olhos e ouvidos. Entende o que quero dizer?

Buda e Cristo: mesma consciência, linguagens diferentes

Jeffrey Mishlove:

Sim.

Joseph Campbell:

Esses sentidos nos distraem do nosso ser mais profundo e do propósito essencial. O objetivo da meditação é encontrar isso dentro de si e deixar que isso conduza sua vida. Traduzindo isso para o Cristianismo: é encontrar o Cristo em você. E a ideia é exatamente a mesma. Lá se chama “consciência búdica”; aqui, “consciência crística”.

As figuras que representam essas ideias são bem diferentes. A iconografia budista foca no aspecto pacífico — o encontro da serenidade interior. Já o Cristianismo, com a imagem de Cristo crucificado, foca na atitude heroica de viver plenamente, mesmo quando a vida nos despedaça — e ainda assim encontrar aquele que habita em nós, no meio da turbulência do mundo.

Mas você encontra isso também no Budismo, na figura do bodhisattva — aquele que encontrou o eterno dentro de si e o reconhece no mundo. Eles têm um termo maravilhoso: “participação alegre nas dores do mundo”. Você aceita as dores — suas e do mundo — ao reconhecer o brilho que uma vida bem vivida pode trazer a partir disso. São as mesmas ideias, só que uma em aspecto ativo, trágico, e a outra em aspecto...

Jeffrey Mishlove:

... sereno, realizado.

A força emocional dos mitos

Jeffrey Mishlove:

Parece que prestar atenção aos mitos, nesse sentido, realmente desperta emoções sutis e profundas que talvez nem perceberíamos de outro modo...

Joseph Campbell:

Ah, sem dúvida. A forma como isso nos toca profundamente é evidente. Dei aulas numa universidade por 38 anos, e esse sempre foi o meu tema. Vi o que ele provoca. Os alunos chegam com suas religiões, e então você os ajuda a compreender o que essas religiões estão realmente dizendo — e, uau, algo acontece.

A ciência como mito moderno

Jeffrey Mishlove:

No seu livro mais recente, *The Inner Reaches of Outer Space*, você parece sugerir que toda nossa ciência — por exemplo, a astronomia — constitui hoje a nossa mitologia moderna. Que o universo também está dentro de nós.

Joseph Campbell:

Eu diria que toda a ciência é matéria-prima para ser mitologizada. A mitologia dá o sentido espiritual — ou melhor, psicológico e interior — ao mundo da natureza que nos cerca, tal como o compreendemos hoje.

Não há conflito real entre ciência e religião. A religião é o reconhecimento da dimensão mais profunda que a ciência nos revela. O que está em conflito é a ciência de 2000 a.C., que é o que você encontra na Bíblia, e a ciência do século XX d.C. É preciso desvincular as mensagens da Bíblia do contexto científico no qual foram formuladas.

Jeffrey Mishlove:

Do contexto científico.

Joseph Campbell:

Exatamente. Aquele conhecimento científico já foi superado. Por exemplo, veja: no catolicismo romano é dogma crer que Jesus ressuscitou e ascendeu fisicamente ao céu — e que sua mãe, Maria, adormeceu e também ascendeu ao céu.

Jeffrey Mishlove:

Já vi isso representado em programas de TV — mostram ele subindo aos céus.

Joseph Campbell:

Sim. Mas se fosse fisicamente, mesmo viajando à velocidade da luz, eles ainda não teriam saído da galáxia. E sabemos o que significa para um corpo físico subir até a estratosfera...

Jeffrey Mishlove:

Então é um grande erro...

Joseph Campbell:

Esse tipo de imagem mítica não se encaixa mais na mente contemporânea. Por isso, a mensagem não alcança mais o corpo contemporâneo. É preciso traduzir essas coisas para a vida e experiência de hoje. A mitologia valida a experiência, dando a ela uma dimensão espiritual ou psicológica.

Se você tem imagens que não se correlacionam com a natureza como a compreendemos atualmente, você não consegue lidar com elas. E, eu diria, uma das primeiras ideias que a

ciência moderna derruba é a de que os deuses e os céus estão localizados “lá fora”, no espaço.

Cosmologia antiga e mitologia hindu

Jeffrey Mishlove:

E, no entanto, não parece que alguns hindus anteciparam a vastidão do universo?

Joseph Campbell:

Ah, sim. Eles captaram isso. E mais: captaram os ciclos de nascimento e morte das estrelas — o surgimento e o desaparecimento em grandeza. Eles falam de ciclos cósmicos de cerca de... o quê? Uns 12 mil anos. É ridículo. Os hindus sabiam que havia ciclos dentro de ciclos. E deuses dentro de deuses.

Jeffrey Mishlove:

Isso mesmo. Ciclos dentro de ciclos.

Joseph Campbell:

Deus sabe como eles descobriram isso. Mas, quando você lê os mitos dos Puranas da Índia, ou o *Mahabharata*, não há dificuldade alguma em correlacioná-los com a ciência moderna. Nenhuma.

Mitos como guias evolutivos

Jeffrey Mishlove:

Sempre me perguntei se muitos dos mitos sobre poderes mágicos, siddhis, ou habilidades psíquicas que aparecem nos mitos não seriam, de algum modo, precursores evolutivos do que ainda podemos nos tornar. Como se os mitos nos estivessem guiando para o futuro.

Joseph Campbell:

Na medida em que revelam potencialidades do espírito humano, eles são sim proféticos. Porque acredito que o espírito humano está em desenvolvimento.

Não sou pessimista quanto ao que está acontecendo com o espírito humano — sou profundamente pessimista com relação ao que está acontecendo com nossos políticos. Mas isso não tem nada a ver com o espírito humano. O caos no mundo de hoje não é reflexo da iluminação da humanidade, e sim...

A crise política e a esperança na consciência

Jeffrey Mishlove:

É reflexo da...

Joseph Campbell:

... da trapalhada de um punhado de políticos autocentrados. É irônico: à medida que parecemos estar nos conectando mais profundamente com nossos poderes interiores, como cultura, também estamos enfrentando desafios mais profundos.

Jeffrey Mishlove:

Se formos resolver os problemas que o mundo enfrenta hoje, será necessário desenvolver uma nova mitologia. As antigas já não nos servem mais, certo?

Joseph Campbell:

Há duas coisas que precisam acontecer para que tenhamos uma mitologia adequada ao ser humano de hoje. A primeira é acolher o mundo natural tal como o conhecemos. E, meu Deus, o que tenho ouvido recentemente dos físicos e astrônomos — é mágico e incrível. Esse é o solo.

A segunda é perceber que a sociedade com a qual você se envolve não é “esse grupo” ou “aquele grupo”, nem “esta classe” ou “aquela raça” — é o planeta. E ainda não temos uma mitologia que nos ajude a reconhecer a humanidade da pessoa do outro lado da rede de tênis.

Ela virá. Mas ainda não está aqui.

A física moderna e as pontes com a sabedoria antiga

Jeffrey Mishlove:

Fico imaginando se algumas das ideias da física quântica, como a interconexão quântica, não expressam justamente isso.

Joseph Campbell:

Expressam, sim. Você encontra todo tipo de sugestões no universo da física — e, veja, você pode traduzir tudo isso diretamente para o sânscrito, sem dificuldade nenhuma.

Jeffrey Mishlove:

Os hindus já têm tudo isso.

Joseph Campbell:

Sim. E, ao mesmo tempo, há grandes setores da nossa cultura atual que insistem em tomar os mitos religiosos antigos ao pé da letra.

O perigo da leitura literal dos mitos

Joseph Campbell:

Isso é um desastre. É monstruoso. Diante de tudo o que temos hoje em termos de iluminação da mente, voltar para algo com 4 mil anos de atraso — em todos os sentidos possíveis — é inaceitável.

Primeiro, porque é uma visão limitada do que é a humanidade. Eles não tinham qualquer conhecimento histórico além da sua pequena parte do Oriente Próximo. Nenhum conhecimento das Américas, nenhum do Extremo Oriente. Voltar para esse ponto, para mim, é criminoso.

Jeffrey Mishlove:

Mas, por outro lado, como você disse no começo da entrevista, os mitos são baseados em experiências corporais — e nosso corpo não mudou.

Joseph Campbell:

É verdade. Mas essas experiências foram traduzidas para dentro de uma cultura, para um compromisso local. Esse é o ponto. Quando falo em mitologia comparada, é isso: esta cultura vê desse modo, aquela vê de outro, mas todas estão falando da mesma coisa — do “pão”, por assim dizer.

Experiências universais e o ciclo da vida

Jeffrey Mishlove:

Vamos falar um pouco mais sobre essas unidades subjacentes que ocorrem nos mitos. Por exemplo, quais são as experiências corporais comuns que todos enfrentamos? Suponho que nossa realidade existencial no mundo seja a mesma, independentemente da cultura.

Joseph Campbell:

Uma realidade existencial universal é o mistério do nascimento. Isso é muito mais do que um fenômeno biológico, acredite. O mistério de um novo ser entrando na vida... E, depois disso, toda cultura, em todo tempo, em todo lugar, teve que integrar esse pequeno fenômeno natural a uma sociedade. Aí começa o problema: em qual sociedade você vai integrar esse ser da natureza?

E os mitos locais insistem: “você está entrando na nossa sociedade, do nosso jeito”. Isso não seria ruim, se a sociedade não se achasse a única digna de ser incorporada.

Toda sociedade teve que guiar esse pequeno fenômeno biológico pelas etapas inevitáveis do crescimento: infância, adolescência, casamento. E esse é um ponto que, hoje em dia, está em colapso — porque o mito do casamento foi esquecido.

Jeffrey Mishlove:

Você poderia expandir isso?

Joseph Campbell:

Posso sim — daqui a pouco. Depois do casamento, vem a liberação do compromisso com o mundo: a morte. E isso não é uma perda. É um ganho. Quando você percebe que está ganhando uma vida interior mais plena... a morte não é perda. O que se perde é apenas este fenômeno transitório do corpo. A consciência está se tornando mais e mais ela mesma. A mitologia verdadeira ensina como morrer.

O relacionamento com o mistério da consciência

Jeffrey Mishlove:

E há aí alguns universais, certo?

Joseph Campbell:

Esses são os universais. O problema é a relação entre esse veículo mortal e transitório da consciência e o mistério da própria consciência. Encontrar, dentro de si, esse aspecto mais duradouro da vida — é sobre isso que falam as religiões. Elas personificam esse mistério.

Nós, especialmente na vida prática, precisamos de ideias que nos orientem — imagens que possamos tomar como referência. E essas imagens se tornam nossos guias: a ideia do Cristo, por exemplo. Você coloca essa imagem diante de si, e ela ajuda a guiar você rumo àquilo que transcende a própria ideia de Cristo. Entende o que quero dizer? O mito está deste lado da verdade, mas nos conduz até ela.

A função do mito: dissolver o ego e despertar a compaixão

Jeffrey Mishlove:

É como se essa imagem de Cristo fosse, mais uma vez, uma dessas imagens-guia que nos conduzem à nossa verdadeira natureza futura.

Joseph Campbell:

Exatamente. Mas ela faz algo mais, socialmente falando: a imagem do Cristo diz que a sua vida é a vida de todos os outros também. E isso alivia sua ilusão de privilégio pessoal, de ego especial.

Jeffrey Mishlove:

E, nesse sentido, compreender profundamente o mito seria quando judeus, árabes ou hindus também conseguem reconhecer a essência do Cristo dentro de si mesmos.

Joseph Campbell:

Sim. Eles têm equivalentes em suas próprias tradições religiosas. E é uma pena que esse aspecto não seja o que se enfatiza. O que é enfatizado é o valor local, não o valor universal da imagem religiosa que por acaso pertence àquela tradição.

A distorção do mito como “mentira”

Jeffrey Mishlove:

Outro movimento que vejo na nossa cultura é o de pessoas que, ao enxergarem os horrores das guerras religiosas, preferem abandonar completamente os mitos.

Joseph Campbell:

Bem, isso tem acontecido. A palavra “mito” passou a significar “mentira”. Porque, de fato, é uma mentira dizer que alguém ascendeu fisicamente ao céu. Isso não aconteceu.

Mas a questão é: qual é a conotação dessa imagem metafórica? Porque é disso que se trata — de metáfora. A mitologia é um compêndio de metáforas.

E, quando se entende uma metáfora — para usar a linguagem da gramática do ensino médio — interpretando-a pelo seu sentido denotativo e não pelo seu sentido conotativo, você perdeu a mensagem.

É como entrar num restaurante, ler o cardápio, decidir o que vai comer e, em vez de pedir o prato, comer o papel do cardápio. O cardápio é uma referência a algo que está além daquela folha impressa.

A sabedoria do mito e o “saber o que pedir”

Jeffrey Mishlove:

E, como num bom restaurante, quando alguém realmente entende as conotações, a vida se torna muito mais rica. Há tantos sabores e nuances...

Joseph Campbell:

Você aprende o que pedir. Você entra, conhece a mensagem dessa mitologia — esse conjunto de metáforas — e sabe o que pedir.

Mito e mística: o encantamento pelo real

Jeffrey Mishlove:

Ao ler seu livro *The Inner Reaches of Outer Space*, tive a impressão de que seu estudo da mitologia mundial o levou, de certa forma, a se tornar um místico.

Joseph Campbell:

Bom, eu não sou místico. Não pratico austeridades, nunca tive uma experiência mística. Então, não sou místico. Sou apenas um estudioso.

Lembro que, uma vez, Alan Watts me perguntou: “Joe, que ioga você pratica?” E respondi: “Eu sublinho frases”. E é só isso que faço.

Não sou guru nem nada do tipo. Apenas tive a grande sorte de encontrar esse mundo dourado da mitologia. E também fui bem treinado para escrever livros. Tudo o que fiz foi reunir nas minhas obras aquilo que me encantou. E, pelo visto, funciona para outras pessoas tanto quanto funcionou para mim.

Jeffrey Mishlove:

Mas há, na sua escrita, algo que me lembra Walt Whitman quando ele fala sobre uma folha de grama.

Joseph Campbell:

Whitman teve a revelação. Ele era, nesse sentido, um verdadeiro poeta. A mitologia é poesia. Se você lê poesia como prosa... o que sobra?

Jeffrey Mishlove:

Não quero projetar em você mais do que deseja assumir, mas tive a sensação, lendo seus livros, de que há um encantamento por cada pequena coisa do universo — cada grão de areia. E isso transparece na sua escrita.

Joseph Campbell:

Tenho uma musa maravilhosa que me inspira. Não reclamo os méritos para mim.

Jeffrey Mishlove:

Acho que você está sendo muito modesto.

Joseph Campbell:

Você é muito gentil.

O conselho de Campbell: siga sua bem-aventurança

Jeffrey Mishlove:

O que você gostaria de dizer às pessoas de hoje? Aos jovens, ou a quem está entrando numa nova fase da vida? Você, que já está nos seus 80 anos e passou por tanta coisa. É possível dizer algo em poucos minutos? Como encontrar o poder divino em si mesmo?

Joseph Campbell:

A palavra “entusiasmo” significa “estar cheio de Deus”. É isso que ela quer dizer. Então, o que faz você se sentir entusiasmado? Siga isso. Esse tem sido meu conselho aos jovens que me perguntam: “O que devo fazer?”

Dei aulas em uma escola preparatória para meninos. Aquela é a fase — ou era, não sei como está hoje — em que eles precisam decidir o rumo da vida. E são capturados pelo entusiasmo: um quer estudar arte, outro poesia, outro antropologia... mas o pai diz: “Faça Direito, é onde está o dinheiro”.

E aí vem a escolha. E o que eu digo é: siga onde está o seu entusiasmo. Eu tenho uma expressão curta: **siga sua bem-aventurança** (*follow your bliss*). A bem-aventurança é a mensagem de Deus para você. É aí que está a sua vida.

Lembro que, quando era estudante de pós-graduação na Universidade de Paris, eu estudava filologia — como o latim e o latim vulgar se transformaram em francês, espanhol, italiano...

Jeffrey Mishlove:

Ainda bem que você largou isso, suponho.

Joseph Campbell:

Vou te contar por quê. Eu estava sentado no pequeno jardim do Musée de Cluny, no Boulevard Saint-Germain...

Jeffrey Mishlove:

Temos uns 10 segundos.

Joseph Campbell:

E pensei: “De que serve todo esse conhecimento, se eu nem sei como pedir uma boa refeição?” Então fui atrás do lugar onde minha bem-aventurança estava, onde eu sentia que minha vida pulsava.

Jeffrey Mishlove:

E a vida acadêmica caiu por terra.

Joseph Campbell:

Joseph Campbell, você certamente soube...

Jeffrey Mishlove:

... viver seguindo sua bem-aventurança.

Joseph Campbell:

Posso te dizer que sim. E mesmo no meio da Grande Depressão, sem emprego por cinco anos, ainda assim eu seguia minha bem-aventurança.

Jeffrey Mishlove:

Muito obrigado por estar conosco. Foi um prazer.

Joseph Campbell:

Muito obrigado.

Jeffrey Mishlove:

E muito obrigado a você, que nos acompanhou.